

EDUCAÇÃO INFANTIL:  
FORMAÇÃO E RESPONSABILIDADE



SONIA KRAMER  
MARIA FERNANDA NUNES  
MARIA CRISTINA CARVALHO (ORGS.)

EDUCAÇÃO INFANTIL:  
FORMAÇÃO E RESPONSABILIDADE



---

P A P I R U S E D I T O R A

Capa: DPG Editora  
Foto de capa: Rennato Testa  
Coordenação: Ana Carolina Freitas e Beatriz Marchesini  
Copidesque: Lúcia Helena Lahoz Morelli  
Diagramação: DPG Editora  
Revisão: Ademar Lopes Jr.,  
Bruna Fernanda Abreu e Isabel Petronilha Costa

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Educação infantil: Formação e responsabilidade/Sonia Kramer,  
Maria Fernanda Nunes, Maria Cristina Carvalho (orgs.). –  
1ª ed. – Campinas, SP: Papirus, 2013.

Bibliografia.

ISBN 978-85-308-1052-8

1. Educação infantil 2. Ensino 3. Pedagogia 4. Professores –  
Formação I. Kramer, Sonia. II. Nunes, Maria Fernanda.  
III. Carvalho, Maria Cristina.

13-08446

CDD-372.21

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Educação infantil 372.21

---

Exceto no caso de citações, a grafia  
deste livro está atualizada segundo o  
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa  
adotado no Brasil a partir de 2009.

---

Proibida a reprodução total ou parcial  
da obra de acordo com a lei 9.610/98.  
Editora afiliada à Associação Brasileira  
dos Direitos Reprográficos (ABDR).

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:  
© M.R. Cornacchia Livraria e Editora Ltda. – Papirus Editora  
R. Dr. Gabriel Penteado, 253 – CEP 13041-305 – Vila João Jorge  
Fone/fax: (19) 3272-4500 – Campinas – São Paulo – Brasil  
E-mail: editora@papyrus.com.br – www.papyrus.com.br

## SUMÁRIO

### APRESENTAÇÃO

#### INFÂNCIA, FORMAÇÃO E CULTURA:

UMA TRAJETÓRIA DE PESQUISA E/EM CURSO..... 9

*Sonia Kramer, Maria Fernanda Nunes e Maria Cristina Carvalho*

### INTERVENÇÃO E GESTÃO:

#### CONHECER, RESPONDER, AGIR

1. EDUCAÇÃO INFANTIL E EXPANSÃO DA  
ESCOLARIDADE OBRIGATÓRIA: QUESTÕES  
PARA A POLÍTICA, A FORMAÇÃO E A PESQUISA..... 31

*Maria Fernanda Nunes e Sonia Kramer*

2. ALGUMAS FACES DA FORMAÇÃO: ENTRE  
AS POLÍTICAS MUNICIPAIS E O COTIDIANO  
DA EDUCAÇÃO INFANTIL..... 49

*Camila Barros, Gabriela Scramingnon, Luciana Chamarelli e  
Marina Castro e Souza*

3. DIREITOS DA CRIANÇA À EDUCAÇÃO INFANTIL:  
REFLEXÕES SOBRE A HISTÓRIA E A POLÍTICA..... 67

*Aristeo Gonçalves Leite Filho e Maria Fernanda Nunes*

4. ESCOLAS COMUNITÁRIAS DE EDUCAÇÃO  
INFANTIL: FORMAÇÃO E INTERVENÇÃO ..... 89  
*Maria Fernanda Nunes, Sonia Kramer, Alexandra Pena e  
Leonor Pio Borges de Toledo*

CULTURA/CULTURAS:  
RETRATAR, COLECIONAR, LER/ESCREVER

5. CORRESPONDÊNCIAS ENTRELAÇADAS:  
PERCURSOS DE PESQUISA COM FOTOGRAFIA.....111  
*Ana Elisabete Lopes, Denise Sampaio Gusmão e  
Cristina Laclette Porto*
6. CRIANÇAS E ADULTOS EM MUSEUS E  
CENTROS CULTURAIS..... 133  
*Maria Cristina Carvalho e Cristina Laclette Porto*
7. INFÂNCIA E LINGUAGEM NA OBRA DE  
BARTOLOMEU CAMPOS DE QUEIRÓS:  
QUESTÕES PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL..... 151  
*Patrícia Corsino*
8. LITERATURA E CULTURA COMO CONVITE  
AOS PROFESSORES..... 169  
*Rejane Brandão Siqueira e Maria Cristina Carvalho*
9. BORDANDO PALAVRAS, COSTURANDO  
MEMÓRIAS: PRÁTICAS DE FORMAÇÃO-AÇÃO ..... 187  
*Adrianne Ogêda Guedes e Rita de Cássia Prazeres Frangella*

EM TORNO DA INFÂNCIA E DA  
EDUCAÇÃO INFANTIL: OLHAR, ESCUTAR, ATUAR

10. “Ô TIA, ELE ME CHAMOU DE BEBÊ, EU JÁ  
TENHO CINCO ANOS”: A DINÂMICA DAS IDADES ..... 207  
*Anelise Nascimento e Flávia Miller Naethe Motta*

11. “ELA APROVEITA PARA ANDAR AQUI”: AS CRIANÇAS E AS INSTITUIÇÕES DE EDUCAÇÃO INFANTIL.....	227
<i>Silvia Néli Barbosa, Marta Nidia Maia e Mariana Roncarati</i>	
12. CUIDADO E CULTURA: PROPOSTAS CURRICULARES PARA O TRABALHO COM CRIANÇAS DE ATÉ TRÊS ANOS.....	243
<i>Daniela Guimarães, Adrianne Ogêda Guedes e Silvia Néli Barbosa</i>	
13. INFÂNCIAS, TEMPOS E ESPAÇOS: TECENDO IDEIAS .....	259
<i>Maria Clara Camões, Leonor Pio Borges de Toledo e Mariana Roncarati</i>	
14. O COTIDIANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL: BUSCANDO INTERAÇÕES DE QUALIDADE .....	279
<i>Léa Tiriba, Silvia Néli Barbosa e Núbia Santos</i>	
FORMAÇÃO E PESQUISA: ESTUDAR, NARRAR, FORMAR-SE	
15. A PESQUISA COMO ESPAÇO DE FORMAÇÃO .....	297
<i>Alessandra Brandolim Pacheco, Paula Lannes Pereira Passos, Liana Castro, Aline Ricci, Andrea de Oliveira, Alah Cardoso e Aline Martins</i>	
16. FORMAÇÃO E RESPONSABILIDADE: ESCUTANDO MIKHAIL BAKHTIN E MARTIN BUBER .....	309
<i>Sonia Kramer</i>	
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	331





## APRESENTAÇÃO

### INFÂNCIA, FORMAÇÃO E CULTURA: UMA TRAJETÓRIA DE PESQUISA E/EM CURSO

*Sonia Kramer*  
*Maria Fernanda Nunes*  
*Cristina Carvalho*

*Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela  
se perde quando as histórias não são mais conservadas.*

Benjamin 1987a, p. 205

Formação e responsabilidade marcam a história, a amizade, a vida de nosso grupo ao longo de 20 anos de produção de pesquisa, formação, projetos de intervenção e participação em movimentos sociais em defesa dos direitos das crianças. Um dia, ainda no início do caminho, apelidamos esse grupo de comunidade de infância ao nos darmos conta do nosso forte compromisso com crianças e com adultos e jovens envolvidos direta ou indiretamente na política pública, na gestão, nas práticas e interações em diversas instituições ou contextos sociais e culturais, especialmente na educação infantil e nos primeiros anos do ensino fundamental. Esse compromisso se concretizava, e ainda se expressa, no estudo, na ação

política e em cursos de extensão e especialização por nós realizados na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

### *O grupo de pesquisa sobre Infância, Formação e Cultura (Infoc)*

A iniciativa de criação do grupo de pesquisa – num tempo em que os grupos não tinham nome nem siglas ou marcas – se entrecruzou com o trabalho acadêmico e político e com as intensas discussões em defesa dos direitos das crianças, no contexto da formulação da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, mobilizando a organização na PUC-Rio do curso “Especialização em educação infantil: Perspectivas de trabalho em creches e pré-escolas”, oferecido como pós-graduação *lato sensu*. O grupo de pesquisa teve início em 1992 e o curso de especialização em 1994. Assim, entremeando-se à trajetória de pesquisa, este livro comemora também 20 anos de trabalho conjunto na formação de professores. E, ainda que a história da pesquisa e a do curso se entrelacem, tentaremos contá-las passo a passo.

A primeira reunião do grupo de pesquisa sobre Infância, Formação e Cultura (Infoc) aconteceu em novembro de 1992. Sonia Kramer e Solange Jobim e Souza decidiram continuar uma forte parceria formada durante o doutorado na PUC e a escrita das teses “Por entre as pedras: Arma e sonho na escola” (Kramer 1993) e “Infância e linguagem: Bakhtin, Vygotsky e Benjamin” (Jobim e Souza 1994). O doutorado (1988-1992), de grande aprendizado, levou-nos ao estudo da sociologia, da psicologia, da antropologia, da filosofia e da linguística. As principais referências: Walter Benjamin, Mikhail Bakhtin, Lev Vigotski, Leandro Konder, Hilton Japiassu.

Para a primeira reunião do Infoc foram convidados alunos de graduação e mestrado da PUC-Rio e da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ). A proposta: desenvolver o projeto de pesquisa “Cultura, modernidade e linguagem: O que narram, leem e escrevem os professores”, com base na teoria crítica da cultura e da modernidade e nos estudos da linguagem, especialmente em Walter Benjamin, Mikhail

Bakhtin e Lev Vigotski. Interessava-nos ouvir e analisar histórias de leitura/escrita e de formação. Com os conhecimentos que o estudo da narrativa, da leitura e da escrita de professores favorece adquirir, nosso objetivo era – e continua sendo – contribuir para as políticas públicas de acesso à escrita, de formação de professores e de leitores, no interior de uma política cultural e científica.

O projeto “Cultura, modernidade e linguagem: O que narram, leem e escrevem os professores” (1993-1995) partia das seguintes questões: é possível os professores tornarem seus alunos leitores e pessoas que queiram escrever, se eles mesmos não leem e tremem diante da página em branco? Que experiências de leitura e escrita têm tido professores da pré-escola e das primeiras séries do primeiro grau? Os 32 professores da rede pública e/ou particular entrevistados denunciaram o papel da escola na formação do leitor: imposição de leituras, provas, datas, arguições, resumos, fichas, sínteses, leitura reduzida a conteúdo escolar. Sobre escrita, falaram de vergonha, textos rasgados, queimados, ridicularizados, jogados fora. Indagamos, então, se a escola produz leitores ou se eles se formam apesar dela. Com a leitura obrigatória, a escola parece ressecar as práticas de leitura e escrita, tirar seu sabor. Muitos professores contaram que tinham sido leitores, mas pararam de ler (Jobim e Souza e Kramer 1996). Concluímos que, na formação do leitor, em vez de polarizar livre escolha *x* obrigação, é preciso haver práticas sociais de leitura e escrita como experiência de cultura, que sejam um convite à leitura e à escrita de adultos e crianças e que possibilitem voltar a ler e a escrever.

Outras questões então começavam a nos inquietar: as práticas e as relações dos professores com a escrita se modificam com as gerações? Como professores que atuaram em distintos momentos e contextos da história se relacionam com a escrita? Suas práticas de leitura e escrita foram marcadas pelas escolas que frequentaram? Tais perguntas originaram o projeto “Cultura, modernidade e linguagem: Leitura e escrita de professores em suas histórias de vida e formação” (1995-1997). Maria Teresa Freitas, professora da Universidade Federal de Juiz de Fora, juntou-se a nós, e Maria Fernanda Nunes e Rita Ribes Pereira, na época mestrandas, deram uma grande contribuição na elaboração

desse projeto. Maria Cristina Carvalho se integrou ao grupo pouco depois. Voltando-se para professores que se formaram e trabalharam nas décadas de 1920 a 1940 e de 1950 a 1960, a equipe perguntava: qual o significado de ser professor nessas décadas? Que práticas de leitura e escrita predominavam? Os relatos mostraram que era impensável ensinar sem ler e escrever; a leitura e a escrita faziam parte da identidade do professor: ler, escrever e ser professor eram faces de um *ethos* instituído no processo de sua formação (Kramer 1998). Os autores de referência (Benjamin, Bakhtin, entre outros) contribuíram para o estudo da memória, da palavra, do discurso. A fotografia foi importante produção cultural para acionar a memória e favorecer a ressignificação da história.

Continuando o percurso, o terceiro projeto – “Cultura, modernidade e linguagem: Leitura e escrita de professores em três escolas de formação” (1997-1999) – também baseado na teoria crítica da cultura – focalizou a leitura e a escrita de alunos de três escolas de formação de professores situadas na cidade do Rio de Janeiro. Com a colaboração de Maria Luiza Oswald, o estudo teve o objetivo de compreender o papel da leitura na formação. Os conceitos de leitura e literatura como experiência, segundo Benjamin; de gosto como fruto da memória, nas palavras de Ítalo Calvino; de cultura contemporânea e os jovens, contribuição de Pasolini, geraram uma reflexão que acompanhou a pesquisa, seus resultados e implicações. Nas escolas, o trabalho com a língua escrita era de cobrança dos alunos, futuros professores, mas não se assumia na prática o que lhes era exigido. Havia professores que liam e escreviam, mas a maioria tratava da língua de forma mecânica, com clichês e práticas repetitivas. Como eximir os professores de sua responsabilidade? E não seria mais produtivo substituir conteúdos de validade duvidosa dispersos em didáticas e metodologias da linguagem, português ou alfabetização por disciplinas voltadas à língua e à literatura, abrindo tempo e espaço para o conhecimento da língua e dos livros literários? (Kramer e Oswald 2001). As conclusões apontaram ainda a distância entre as escolas e os valores e práticas dos jovens, bem como o papel central da narrativa das histórias de vida de professores e alunos nos processos de formação.

Esses três projetos ensinaram muito. Foram seis anos de trabalho, intensa cooperação e profunda amizade. A partir daí, Solange Jobim, Maria Teresa Freitas, Maria Luiza Oswald e Sonia Kramer iniciaram outros projetos, mas as referências teóricas e as preocupações com as crianças e os jovens na cultura contemporânea e o papel da escola permanecem como forte ligação entre todas e, também, motivo de contínua interlocução.

Com a continuidade do Infoc à alfabetização, à leitura e à escrita, combinaram-se temas relacionados às políticas públicas, à cultura e à formação de professores. Nesse contexto, em 1999, com a coordenação de Sonia Kramer, teve início o projeto “Formação de profissionais de educação infantil: Concepções, políticas e modos de implementação” (1999-2005) com o objetivo de conhecer a situação da educação infantil nos municípios do estado do Rio de Janeiro e compreender as políticas de formação, as histórias das propostas de formação e dos profissionais responsáveis pela gestão, as propostas e as práticas educativas, as condições de trabalho, as dificuldades e os conflitos. Bakhtin, Benjamin e Vigotski continuaram balizando a pesquisa. As estratégias: revisão de literatura, análise documental, levantamento e análise de propostas produzidas pelas secretarias; questionário às secretarias municipais de educação; entrevistas individuais e coletivas com responsáveis pela educação infantil, buscando conhecer processos, projetos de formação e estudos de caso por meio de projetos específicos.

O relatório entregue a todas as secretarias (Kramer *et al.* 2001) analisou o atendimento, a organização e o funcionamento da educação infantil, a formação, o ingresso e a carreira na rede pública de seus profissionais, bem como os recursos financeiros e materiais. As entrevistas evidenciaram que muitas secretarias municipais de educação não assumem seu papel de formular políticas de educação infantil. Faltam políticas de formação e planejamento. Inúmeros profissionais ocupavam vários lugares ao mesmo tempo: no setor público e privado, na educação infantil, no ensino fundamental, médio e superior e em secretarias de vários municípios. A falta de critérios de qualidade era acentuada por práticas políticas marcadas pelo partidarismo e pelo paternalismo, com

rupturas na gestão. Intenções de gestores não se traduziam em ações das escolas e se distanciavam dos objetivos. O enfraquecimento da autoridade e da legitimidade da gestão repercutia nas escolas: professores resistiam a inovações e imposições das secretarias. Outros pontos tensos: entrada e permanência na profissão; ambiguidades das trajetórias; educar e cuidar; concepções e distorções da identidade profissional; dilemas da formação; relação entre teoria e prática; situação das crianças de zero a seis anos no contexto nacional e a institucionalização da infância (Kramer 2005). A conclusão: a formação de professores é requisito da democratização, indispensável para garantir o direito de todas as crianças de zero a seis anos à educação infantil de qualidade.

Em seguida, a equipe do Infoc, mobilizada por temas relativos ao cotidiano, citados nas entrevistas, se desdobrou de uma perspectiva macro, que estudou políticas públicas e gestão, para uma perspectiva micro. “Crianças e adultos em diferentes contextos: A infância, a cultura contemporânea e a educação” (2005-2008) foi um projeto voltado para creches, pré-escolas e escolas do município do Rio de Janeiro, com o objetivo de conhecer interações e práticas entre adultos e crianças. Além de Benjamin, Bakhtin e Vigotski, a pesquisa se beneficiou da sociologia da infância, especialmente a de Régine Sirota, William Corsaro, Manuel Sarmiento e Manuela Ferreira. Foram pesquisadas 20 instituições de educação infantil (creches, pré-escolas e escolas de ensino fundamental com turmas de educação infantil) e, destas, nove estudos de caso. A metodologia incluiu observação e entrevistas individuais e coletivas com adultos e crianças; interações por meio de produções culturais; e fotografia. Mais tarde, o projeto se expandiu, incluindo instituições situadas em outros municípios do estado do Rio de Janeiro e em outros estados da Federação.

Esse projeto enfrentou o desafio de observar crianças no cotidiano das instituições, com um olhar e uma escuta capazes de compreender os não ditos, os significados, além dos sentidos e expressões. Nas instituições observadas (Kramer 2009), havia muitos conflitos e limites colocados pelos adultos que cerceavam as interações. A equipe se angustiou por não ver crianças brincando e sim restritas a conversar ou cantar, sem

poder dançar, correr ou se encostar umas nas outras. Havia professoras dedicadas e que planejavam o dia a dia e as atividades, mas muitas tinham um modo ríspido ou até rude de lidar com as crianças. Foram observados castigos, gritos, brigas, raiva, impaciência, humilhações, mau humor, desânimo, descaso, cansaço. Creches ou escolas com espaço amplo e outras deterioradas, salas trancadas com cadeados. Em muitas não havia recreio. Predominavam práticas voltadas ao ensino, mesmo com as crianças bem pequenas, e práticas de autoridade paternalista nas relações entre gestores, professoras e famílias. Preconceitos contra a criança, desconhecimento da sua alteridade, imposição de normas sem explicação, esquecimento do seu nome pelas professoras. Mas foram observadas contradições: controle do corpo infantil, moralização, constrangimento, ironia ou deboche, e também atenção, carinho, amizade e riso (Kramer 2009).

A equipe do Infoc apreendeu a complexidade e a delicadeza da educação infantil, tanto do ângulo macro, das políticas e relações com as secretarias de educação, quanto micro, das práticas e interações com as crianças. Há professores que, apesar do contexto e das condições, têm energia, conhecimento e serenidade para atuar. Porém, políticas e práticas não podem contar apenas com qualidades pessoais, o que acentua a conclusão dos projetos anteriores quanto à relevância da formação científica e cultural, com ênfase nas histórias de leitura e escrita e no papel da literatura literária.

Ao longo desse processo, aprofundando uma confiança e uma amizade de mais de 30 anos, a coordenação do Infoc passou a ser feita por Sonia Kramer, Maria Fernanda Nunes (PUC-Rio e Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – Unirio) e Patrícia Corsino (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ). O projeto seguinte – “Educação infantil e formação de profissionais no estado do Rio de Janeiro: Concepções e ações” (2009-2012) – se apropriou dos resultados dos projetos anteriores com o objetivo de fazer o balanço da década e conhecer, numa perspectiva macro, a situação da infância, das políticas de educação infantil e formação dos profissionais nos municípios do estado do Rio de Janeiro (15 anos depois de aprovada a LDB) e, numa

perspectiva micro, interações e práticas entre adultos e crianças em creches, escolas de educação infantil e escolas de ensino fundamental. Por meio de questionário, entrevistas com profissionais responsáveis pela educação infantil nas secretarias de educação e observação de práticas em creches, pré-escolas e escolas, fizemos o diagnóstico da educação infantil num intervalo de dez anos. Foram comparados dados de 1999 e 2009 quanto à organização dos sistemas de ensino; cobertura do atendimento; funcionamento da educação infantil; formação dos profissionais; formas de ingresso e carreira. Os resultados, entregues a todas às secretarias de educação (Nunes, Corsino e Kramer 2011), mostram as conquistas desses dez anos em termos de expansão do atendimento e organização de equipes pedagógicas nas secretarias municipais de educação e as urgências, especialmente as relativas às precárias condições de trabalho, à qualidade das ações com as crianças e à interferência de políticos na gestão.

Em 2012, o Infoc começou o projeto “Estudos comparativos de interações, práticas e modos de gestão em creches, pré-escolas e escolas” (2012-2015), que visa compreender interações, práticas e modos de gestão de instituições de educação infantil. O projeto tem sido desenvolvido por meio de estudos comparativos do material de três campos empíricos: banco de dados com material de 20 creches, pré-escolas e escolas (Kramer 2009); banco de dados de fotografias (419 fotos); teses e dissertações feitas em creches, pré-escolas e escolas (30). Os estudos comparativos possibilitam estabelecer outras relações entre resultados, cotejar, comparar, problematizar, identificar convergências e divergências, aproximações e afastamentos, revisar campos empíricos em que trabalhamos individual ou coletivamente, compreender avanços e problemas nas políticas públicas e sua implementação, especialmente quanto às interações entre crianças e adultos, práticas e modos de gestão. Essas análises têm sido feitas de um outro lugar teórico, baseado em outros autores, principalmente na filosofia do diálogo de Martin Buber, sua contribuição à educação e sua interlocução com importantes referências para o grupo, a saber, Paulo Freire, Mikhail Bakhtin e Walter Benjamin.



## *Especialização em educação infantil: Perspectivas de trabalho em creches e pré-escolas*

A trajetória do curso de especialização tem também seu movimento e sua beleza. Na origem, a proposta da professora Zaia Brandão (então diretora do Departamento de Educação da PUC-Rio) para Sonia organizar e coordenar um curso voltado para a educação infantil. A primeira turma teve início em 1994, dois anos antes da aprovação da LDB, que – consolidando a Constituinte de 1988 – reconheceu o direito das crianças de zero a seis anos à educação e afirmou a educação infantil como primeira etapa da educação básica.

Para integrar o corpo docente do curso, em 1994, Sonia convidou Maria Fernanda Nunes, Léa Tiriba, Aristeo Leite Filho, Solange Jobim e Souza, do campo da educação infantil, bem como professoras do Departamento de Educação da PUC-Rio, que contribuíram com sua experiência e seu conhecimento no diálogo com a educação das crianças: Alicia Bonamino, no âmbito da sociologia da educação, Terezinha Machado, em alfabetização e questões relativas à educação especial, e Maria Rita Salomão, que desde o primeiro momento apoiou a ideia e a organização do curso, com sua experiência na gestão pública e nas necessidades da escola. Alicia, Terezinha e Solange deram aula durante muitos anos no curso. Pouco tempo depois, Maria Luiza Oswald, Rita Ribes Pereira e Maria Isabel Leite se integraram ao corpo docente, bem como as professoras que continuam na equipe até hoje. A todos, nossos agradecimentos.

O clima de colaboração e aprendizado mútuo mostrou-se um dos pontos mais fortes do curso, bem como o compromisso com as políticas públicas e a participação dos professores nos movimentos sociais na luta por vários aspectos da educação infantil. Mas vale lembrar também das condições concretas em que o curso se desenvolveu, contando, de um lado, com o apoio do Departamento de Educação, da Coordenação Central dos Cursos de Extensão (CCE) e da PUC-Rio e, de outro, de uma conjuntura muito específica que permitiu a convivência e o trabalho conjunto de ex-alunos do próprio curso, que continuaram sua carreira

acadêmica no mestrado e no doutorado e que hoje integram o corpo docente como professores que são de várias universidades, convidados a proferir palestras, a participar de mesas-redondas, apresentando suas pesquisas, teses e dissertações. O funcionamento do curso e as ações desenvolvidas no seu entorno se devem à presença, à participação, ao empenho e ao trabalho árduo dos monitores. Ser o elo entre a coordenação do curso e os alunos de cada turma, além de atender à demanda do corpo docente e discente, contribuiu para a construção dessa trajetória.

A vida e a história desse curso, de 1994 até hoje, se confundem com a história da educação infantil e a constante luta pelos direitos da criança. Desde o início, nossa ênfase tem sido colocada na dimensão histórica e sociocultural das crianças e na importância de seus direitos sociais. Com esse espírito, quando o curso completou 15 anos, em 2008, teve início a primeira turma no *campus* da PUC de Duque de Caxias, localizado na região metropolitana do Rio de Janeiro. Ao longo desses 20 anos, completamos 26 turmas no *campus* da PUC, na Gávea, e três no *campus* da PUC situado no município de Duque de Caxias, num total de 947 alunos até julho de 2013, sendo 888 na Gávea e 59 em Caxias.

As turmas são sempre diversas e essa é uma das riquezas do curso, tanto para o corpo docente quanto para o discente, profissionais que atuam em instituições públicas, privadas, conveniadas, comunitárias, beneficentes. Os desafios e a riqueza dessa convivência certamente apresentam ganhos para todos. A pluralidade da origem profissional, da trajetória acadêmica e do tempo de experiência tem sido uma marca dos alunos que procuram o curso. Ao longo de toda a nossa história, acostumamo-nos a receber professores, gestores de instituições, pedagogos, profissionais da área da educação, da cultura, da assistência e da saúde, que desenvolvem projetos voltados para crianças e adultos. Grande parte desses profissionais fez graduação em pedagogia, mas muitos são provenientes de áreas diversas como administração, antropologia, arquitetura, arte e *design*, biologia, comunicação social, dança, desenho industrial, direito, economia, enfermagem, fonoaudiologia, história, letras, medicina, nutrição, odontologia, psicologia, química, serviço

social e teatro. Esse contexto causa impacto na vida de cada turma: sua diversidade possibilita a troca, a aprendizagem de uns com os outros.

A faixa etária dos alunos também não é homogênea. São diversas as idades e as gerações que vão aprendendo, convivendo e trocando suas experiências a cada encontro, em cada turma. É frequente conviverem pessoas que dão início à sua vida profissional na creche de um(a) colega de turma, que dão palestras, depoimentos, consultorias no espaço de trabalho do outro e, mesmo, que iniciam um projeto ou abrem uma creche, pré-escola ou escola. Da mesma forma, muitos desejam continuar seus estudos, buscam o mestrado ou o doutorado e acabam seguindo a vida acadêmica.

A produção desse conjunto é extensa, incluindo tanto resultados de pesquisas do corpo docente e dos alunos quanto trabalhos apresentados em inúmeros seminários e encontros de natureza acadêmica ou profissional, que foram publicados em livros e artigos, tais como: Kramer e Leite 1996, 1998; Kramer *et al.* 1997 e 1999; Kramer e Rocha 2012. Seria inviável enumerar aqui todos os trabalhos publicados e as apresentações feitas, mas importa enfatizar que professores e alunos são incentivados a divulgar as monografias, os relatos de experiência, os artigos. O *CD-ROM* editado em 2003 – fruto do trabalho de mais de dez anos – reuniu 89 monografias produzidas pelos pós-graduandos, textos dos professores e relatórios de projetos de pesquisa realizados coletivamente. A partir de 2013, informações sobre a produção mais recente do grupo de pesquisa e do curso têm sido veiculadas também no *site* do grupo: [www.grupoinfoc.com.br](http://www.grupoinfoc.com.br).

Desde o início, em 1994, a elaboração da monografia está presente no projeto curricular do curso, mesmo antes de ter se tornado exigência legal. No processo de construção da monografia, os alunos escolhem os temas e os orientadores são definidos de acordo com as áreas mais próximas de atuação. A orientação e a elaboração da monografia não são processos simples; exigem esforço e investimento por parte dos pós-graduandos e também dos professores. A escrita organiza o pensamento e é muito importante no processo de formação profissional e de pesquisa.

Em 2008, 2009 e 2012 foram organizadas as Jornadas de Monografias, com a apresentação de trabalhos concluídos, em ricos momentos de troca – não apenas de conhecimento, mas também de afeto – entre alunos e professores.

### *Formação, ação política e intervenção*

Foram muitas as atividades que atravessaram o curso de especialização e o grupo de pesquisa ao longo de seus 20 anos, comemorados neste livro. De distintos tempos, espaços e naturezas, essas atividades convergiram para a participação nos movimentos sociais, em projetos de extensão e de intervenção, por meio de convênios com sistemas de ensino e escolas comunitárias, e na formação de professores e gestores de creches, pré-escolas e escolas.

Inicialmente, destaca-se a participação no Fórum Permanente de Educação Infantil no Estado do Rio de Janeiro, movimento que, desde 1994, articula entidades públicas, não governamentais e universidades, com o intuito de discutir, fortalecer e propor caminhos para a educação infantil no estado. Esse espaço de interlocução com professores, supervisores, secretários de educação, pesquisadores, profissionais com trabalhos de naturezas distintas tem contribuído para a socialização de informações e atuação voltadas para uma educação comprometida com os direitos das crianças de zero a seis anos. Nele, buscamos conhecer e superar desafios que abarcam a política pública, nos diferentes níveis de governo, e agir em prol de ações propositivas para a educação infantil.

Em setembro de 1999, durante a 22ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (Anped), na cidade de Caxambu, ocorreu o primeiro encontro de articulação de integrantes dos fóruns de educação infantil dos estados brasileiros, gerando, mais tarde, a criação do Movimento Interfóruns de Educação Infantil do Brasil (Mieib). De fato, os fóruns já vinham demonstrando um considerável poder de mobilização e intervenção, tanto nas políticas educacionais quanto na produção de conhecimentos na área, ao realizar encontros para

debater questões de seu campo específico, fazer levantamentos de dados sobre o atendimento ou acompanhar a atuação de secretarias municipais ou estaduais, vereadores e deputados. Tanto no Fórum do Rio quanto no Mieib, tomamos assento na estrutura política e organizativa. Nesse campo, foi possível uma interlocução com o Ministério da Educação, com os conselhos nacional, estaduais e municipais de educação, com representantes de câmaras de vereadores e de deputados, participando do processo de construção da política de educação infantil e enfrentando seus problemas. As ações desse movimento se fazem presentes em vários documentos legais, deixando marcas importantes para a consolidação desse nível de ensino como primeira etapa da educação básica: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e suas revisões, Planos Nacionais de Educação (2001-2010 – 2010-2020); Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, em 1997, e sua revisão, em 2009; Indicadores de Qualidade para a Educação Infantil; Programa de Formação Inicial para Professores em Exercício na Educação Infantil. Vale destacar, também, a interlocução com o Congresso Nacional no “Movimento fraldas pintadas”, conseguindo reverter a proposta inicial do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb), que não previa a inclusão das creches na distribuição dos recursos.

No Rio de Janeiro, as discussões sobre convênios tornaram visível, em âmbito nacional, o trabalho comunitário feito na maior parte das cidades brasileiras. Os convênios representam, ainda hoje, parte significativa do atendimento às crianças de zero a três anos e, como a oferta é municipal, encontram-se formas muito variadas de parcerias entre o público e o privado, gerando comprometimento na qualidade. O debate gerou o posicionamento do Ministério da Educação e a elaboração de orientações sobre convênios entre secretarias municipais de educação e instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos para a oferta de educação infantil, com a participação do Fórum do Rio e também do Mieib.

Por um lado, sabe-se que há um contingente expressivo de profissionais que atuam na educação infantil, na função docente, sem a

formação em nível superior, e de auxiliares<sup>1</sup> sem formação inicial para atuar na educação infantil. De outro lado, a omissão da Secretaria de Estado da Educação do Rio de Janeiro sobre a oferta de nível médio de modalidade “normal” levou o Fórum a realizar um levantamento, em nível municipal, do número de professores em atuação, sem a habilitação, para que o estado, juntamente com o governo federal, pudesse ofertar o programa de formação inicial para professores em exercício na educação infantil.

A atuação do curso de especialização na formação de profissionais estendeu-se na formação continuada em convênio com secretarias de educação, tanto em pós-graduação *lato sensu* (especialização) – como ocorreu com profissionais dos municípios de Belford Roxo, Duque de Caxias, Petrópolis, Mesquita, Nilópolis, Nova Friburgo, Nova Iguaçu, Rio de Janeiro, Tanguá, Volta Redonda, entre outros – como em cursos de extensão voltados a aprimorar a qualidade do trabalho na creche e na pré-escola. Nesse caso, podemos citar a parceria com a Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro na oferta de cursos de extensão, de 2002 a 2005, voltados para professores, coordenadores e diretores, culminando na formação de mais de mil profissionais daquela rede de ensino.

Esses cursos foram concebidos em face das novas exigências do trabalho dos professores. Ser professor requer conhecimentos e saberes científicos, pedagógicos, educacionais e práticas que assegurem sensibilidade, indagação teórica, resposta ética e criatividade para encarar as situações ambíguas, incertas, conflituosas e, por vezes, violentas, presentes nos contextos sociais e culturais, em geral, e escolares, em especial. Para enfrentar desafios inerentes às situações de ensino, o professor da creche e da pré-escola precisa da competência, do conhecimento, de sensibilidade ética e de consciência política para problematizar e analisar situações da prática social. Educar crianças pequenas significa ensinar e

---

1. Muitos nomes são usados para indicar aqueles que exercem a função docente, mas não têm a formação inicial, ou a quem foi negado, pelo empregador, o direito ao piso salarial de professor. Sobre esse tema, ver Barros, Scramingnon, Chamarelli e Souza, Capítulo 2 deste livro.

cuidar, aproximar cultura, linguagem, conhecimento e afetividade como elementos constituintes do desenvolvimento humano. Assim, cada encontro foi organizado visando propiciar o pensar crítico sobre o cotidiano vivido na educação infantil, na busca de alternativas de ação, com uma visão de que as crianças produzem cultura e são nela produzidas. A reflexão sobre os temas da cultura e da infância buscando um diálogo entre as práticas da educação infantil foi a tônica do trabalho.

Em 2005 começamos um novo projeto, oferecendo o curso de extensão “a creche e o trabalho cotidiano com crianças de zero a três anos”, com o objetivo de discutir princípios do trabalho com as crianças dessa faixa etária, fundamentando práticas que focalizem suas dimensões afetivas e sociais como centrais no cotidiano das creches. O curso vem atendendo à necessidade de formação continuada de profissionais que trabalham em creches, especialmente levando em conta que a creche, seu contexto e suas especificidades ainda são temas pouco presentes na formação inicial no ensino médio, na modalidade “normal” e na graduação em Pedagogia. O curso abrange: a constituição do bebê como sujeito, por meio das relações que estabelece consigo mesmo, com o mundo e com outros bebês ou adultos; a importância do toque, da expressão corporal, do movimento/ação e da fala nas interações dos bebês na creche; a relação entre a instituição e as famílias; as rotinas na creche. Esses e outros temas foram base para discussões que têm a própria prática dos alunos como ponto de partida para a formação.

No âmbito desse curso, vale mencionar turmas que reúnem profissionais de redes municipais de creches de municípios específicos, da região metropolitana, do Vale do Paraíba e de Serrana. Tais profissionais, em geral oriundos de creches que vieram da Secretaria de Ação Social (também chamada em outros municípios de Secretaria de Desenvolvimento ou Promoção Social) e que agora estão na educação, enfrentam o desafio de desenvolver práticas que integrem o educar e cuidar.

Com base nessas experiências, novos desafios se impuseram à equipe. Traduzir concepções teóricas em atividades docentes consequentes e coerentes com as perspectivas adotadas passou a ser um mote de trabalho, pois constatamos, ao longo dos anos, a dificuldade de

aliar o pensar e o agir de forma coerente. Acreditando que a universidade tem um papel científico, político e social – e que essas vertentes devem ser articuladas –, passamos a desenvolver um programa intitulado “Formação, intervenção e avaliação em escolas comunitárias de educação infantil”, com o apoio do Instituto Dynamo (que apoia iniciativas no campo da educação infantil), da Arquidiocese de Duque de Caxias e da Organização Mundial para a Educação Pré-Escolar (Omep-RJ). Esse programa visa à formação de professores e gestores da educação infantil e à intervenção em creches comunitárias. A formação se dá no curso de especialização e a intervenção, nas instituições de educação infantil em que trabalham as alunas do curso – as creches comunitárias. Implementado em 2007, o programa tem duração de um ano e meio e já beneficiou diretamente 22 professoras e gestoras, alunas do curso, 20 creches comunitárias e, indiretamente, cerca de 220 professores que atuam nessas instituições.

Nesse modelo de formação e intervenção, as atividades dos professores das creches ficam no centro da ação, da reflexão e da transformação do fazer educativo. O ponto de partida são as práticas cotidianas considerando a história de cada lugar, o que permite que a ação educativa seja pensada e projetada. A metodologia do trabalho inclui avaliação, no sentido de conhecer o impacto, as conquistas e as necessidades do programa e das creches. A base dessa ação, e sua mais importante aposta, é a crença de que os saberes são conquistados quando os atores têm acesso ao conhecimento, às práticas sociais e culturais e à reflexão partilhada. Receber formação de qualidade e repensar as práticas nas instituições é, nesse sentido, direito das profissionais e das crianças. Um desafio enfrentado no programa se refere à dificuldade de encontrar, nas instituições comunitárias filantrópicas, profissionais com curso superior, exigência legal para o ingresso na especialização.

Nessa trajetória de 20 anos, o curso acompanhou, como ativo interlocutor, as expressivas transformações pelas quais passou a educação infantil no país: desde a instauração da lei 9.394/1996, que instituiu como primeira etapa da educação básica (voltada para as crianças de zero a seis anos), até sua mais recente alteração, pela lei 12.796/2013,



que tornou obrigatório o ensino gratuito entre os quatro e os dezessete anos, além de alterar a faixa etária de atendimento da educação infantil para aquela situada entre zero e cinco anos.

Essa significativa interlocução teve o reconhecimento do MEC, e muito nos orgulha quando esse ministério adota a experiência do curso como inspiração para outras ações de formação continuada em diversas universidades públicas brasileiras.

Assim, no que se refere à pesquisa, ao longo desses 20 anos, só foi possível estudar, entrevistar, observar, conhecer e fazer perguntas, graças às dezenas de alunos de graduação, especialização, mestrado e doutorado que integraram e integram o Infoc, partilhando dúvidas e inquietações. Agradecemos a cada um pela dedicação, pelo carinho e pela crítica, pela seriedade na busca de conhecimento teórico e de respostas para a prática. Em todos os projetos nos beneficiamos do clima intelectual da PUC-Rio e do apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj). Mas a pesquisa se concretizou graças aos professores e gestores que nos receberam, abriram a instituição, a própria casa, suas salas de aula, nos deram seu tempo e informações, contaram histórias, dialogaram, nos deixaram gravar, observar, fotografar. A pesquisa só tem sentido por causa desses profissionais, dessas instituições e dessas crianças que, em cada creche, em cada pré-escola e em cada escola, fazem história.

Com relação ao curso de especialização, agradecemos a cada um dos alunos pela confiança depositada em nosso corpo docente. As indagações, os questionamentos e as inquietações trazidos por eles representaram, ao longo desses 20 anos, a matéria-prima de nossas aulas, do planejamento, das mudanças. Reconhecer e dimensionar o que representa dedicar a um curso duas noites por semana durante anos, depois de um dia de trabalho, sempre foi o que nos motivou a construir seu andamento da melhor maneira possível. Alunos residentes em bairros distantes, com duas ou três horas para chegar e o mesmo tempo para retornar para casa; alunos vindos de outros municípios, enfrentando a estrada para assistir às aulas.

Quanto a projetos de extensão, intervenção e movimentos sociais, agradecemos o aprendizado mútuo, o apoio e o reconhecimento social que temos recebido de parceiros, alunos e instituições, além do compromisso partilhado na defesa dos direitos de crianças, jovens e adultos.

É no contexto dessa trajetória que entrelaça pesquisa, curso e intervenção que se situa o livro *Educação infantil: Formação e responsabilidade*, que chega agora às mãos dos leitores. Os textos escritos por professores do curso de especialização e por integrantes da pesquisa – alunos de graduação, especialização, mestrado e doutorado – apresentam tanto resultados de projetos de pesquisa por nós desenvolvidos, quanto relatos de práticas realizadas, como ainda questionamentos, indagações e propostas.

O livro está organizado em quatro partes. As inquietações e dúvidas compartilhadas nos textos são muitas, tecidas ao lado dos aprendizados que a vida, os vínculos e as experiências em comum nos possibilitaram empreender. Entre o velho e o novo fomos e vamos assim nos fazendo e buscando conhecer, rever, contribuir.

“Intervenção e gestão: Conhecer, responder, agir” é composto pelos textos: “Educação infantil e expansão da escolaridade obrigatória: Questões para a política, a formação e a pesquisa”, de Maria Fernanda Nunes e Sonia Kramer; “Algumas faces da formação: Entre as políticas municipais e o cotidiano da educação infantil”, elaborado por Camila Barros, Gabriela Scramingnon, Luciana Chamarelli e Marina Castro e Souza; “Direitos da criança à educação infantil: Reflexões sobre a história e a política”, de Aristeo Gonçalves Leite Filho e Maria Fernanda Nunes; “Escolas comunitárias de educação infantil: Formação e intervenção”, de Maria Fernanda Nunes, Sonia Kramer, Alexandra Pena e Leonor Pio Borges de Toledo.

“Cultura/culturas: Retratar, colecionar, ler/escrever” reúne os textos: “Correspondências entrelaçadas: Percursos de pesquisa com fotografia”, de Ana Elisabete Lopes, Denise Sampaio Gusmão e Cristina Laclette Porto; “Crianças e adultos em museus e centros culturais”, escrito por Maria Cristina Carvalho e Cristina Laclette Porto; “Infância

e linguagem na obra de Bartolomeu Campos de Queirós: Questões para a educação infantil”, de Patrícia Corsino; “Literatura e cultura como convite aos professores”, produzido por Rejane Brandão Siqueira e Maria Cristina Carvalho, e “Bordando palavras, costurando memórias: Práticas de formação-ação”, de Adrienne Ogêda Guedes e Rita de Cássia Prazeres Frangella.

“Em torno da infância e da educação infantil: Olhar, escutar, atuar” é constituído por: “‘Ô tia, ele me chamou de bebê, eu já tenho cinco anos’: A dinâmica das idades”, de Anelise Nascimento e Flávia Miller Naethe Motta; “‘Ela aproveita para andar aqui’: As crianças e as instituições de educação infantil”, escrito por Silvia Néli Barbosa, Marta Nidia Maia e Mariana Roncarati; “Cuidado e cultura: Propostas curriculares para o trabalho com crianças de até três anos”, de Daniela Guimarães, Adrienne Ogêda Guedes e Silvia Néli Barbosa; “Infâncias, tempos e espaços: Tecendo ideias”, texto de Maria Clara Camões, Leonor Pio Borges de Toledo e Mariana Roncarati; “O cotidiano da educação infantil: Buscando interações de qualidade”, de Léa Tiriba, Silvia Néli Barbosa e Núbia Santos.

“Formação e pesquisa: Estudar, narrar, formar-se” traz no título palavras que, longe de pretenderem ser finais, dão um sentido de acabamento, ainda que provisório, ao material apresentado. Assim, “A pesquisa como espaço de formação” – de Alessandra Brandolim Pacheco, Paula Lannes Pereira Passos, Liana Castro, Aline Ricci, Andrea Oliveira, Alah Cardoso e Aline Martins – e “Formação e responsabilidade: Escutando Mikhail Bakhtin e Martin Buber” – de Sonia Kramer – falam de nossa própria formação e da responsabilidade que nos move e nos moverá no tempo que nos for dado continuar.

Para a organização e a revisão do livro, contamos com a colaboração competente e serena de Aline Ricci, Alessandra Pacheco, Camila Barros e Luciana Chamarelli, sem as quais o trabalho não teria sido realizado. Agradecemos também ao Departamento de Educação da PUC-Rio e à Coordenação Central de Extensão (CCE) e registramos o apoio do CNPq e da Faperj aos projetos de pesquisa citados, bem como do Instituto Dynamo ao programa de intervenção.

Que o livro e as discussões, os relatos ou as inquietações compartilhados pelos autores possam se somar às contribuições teóricas, práticas e éticas de muitos grupos de pesquisa, de ação e formação que atuam no Brasil pelas crianças, pela educação infantil e por políticas capazes de garantir a qualidade a que todas têm direito.